

Análise sobre os reflexos da modernidade na função do trabalho

Franklin Dos Santos Moura¹

prof.franklinmoura@yahoo.com.br

Fecha de recepción: 5 de septiembre de 2021

Fecha de aceptación: 4 de enero de 2022

Resumen

La modernidad, por constantes transformaciones sociales, se convierte en objeto de entendimiento, acciones tanto individuales como empresariales, considerando que la velocidad del cambio se adelanta a la capacidad de adaptación del individuo. Por otro lado, el trabajo, que históricamente está ligado a la evolución del hombre individualmente y en la sociedad, ha estado expuesto a fenómenos como la globalización y ha ido experimentando transformaciones cada vez más constantes y relevantes no solo para los empleados, sino en la relación bilateral existente entre ellos. y empresas. Por tanto, este estudio tuvo como objetivo analizar los efectos de la modernidad en la función del trabajo. Para lograr este objetivo se realizó una revisión literaria, que comprendió el concepto de modernidad, la relación entre globalización y modernidad, y cómo se posiciona la función de trabajo en el contexto de la modernidad. Los principales trabajos utilizados en el análisis fueron los de los autores Giddens (2015), Bauman (2001), Han (2017), Beck (2011), Gergen (1997), De la Garza (2000, 2009), Hirsch (1997, 1999) y Castillo (2000).



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

¹ Doctorando en Ciencias Empresariales y Sociales – UCES. Mestre em Engenharia de Produção. Pós-Graduado em: Regulação de Serviços Públicos

Luego de presentados los conceptos antes mencionados, la consolidación y análisis de los reflejos identificados, entre otras percepciones, indicó que la función laboral se encuentra en una fase de transición, pasando gradualmente de ser una "Relación de Identificación Social" a ser una "Relación de Negocios" guiados por la inmediatez, la generación de ingresos y el carácter disponible, que De la Garza, en otras palabras, señala como la crisis paradigmática del trabajo, o el fin del trabajo.

Palabras clave: Reflexiones de la modernidad. Función del trabajo. Globalización. Relación individual y empresarial.

Abstract

Modernity, due to the constant and increasingly rapid social transformations, becomes an object of understanding, understanding and actions, both individual and entrepreneurial, considering that the speed of changes is ahead of the individual's ability to adapt. On the other hand, work, which has historically been linked to the evolution of man individually and in society, has been exposed to phenomena such as globalization and undergoing ever more constant and relevant transformations not only for employees, but in the bilateral relationship that exists between them. and companies. Therefore, the present study aimed to analyze the reflexes of modernity in the work function. To achieve this goal, a literary review was carried out, comprising the concept of modernity, the relationship between globalization and modernity, reflections of modernity in the individual-company relationship, and how the function of work is positioned in the context of modernity. The main works used in the analysis were the authors Giddens (2015), Bauman (2001), Han (2017), Beck (2011), Gergen (1997), De la Garza (2000, 2009), Hirsch (1997, 1999) and Castillo (2000). After presenting the aforementioned concepts, the consolidation and analysis of the identified reflexes, among other perceptions, indicated that the work function is in a transition phase, little by little being a "Social Identification Relationship" to be a "Relationship Business" based on immediacy, income generation and disposable character, which De La Garza in other words indicates as the paradigmatic crisis of work, or the end of work.

Keywords: Reflexes of Modernity. Work Function. Globalization. Individual and company relationship.

Resumo

A modernidade, em razão das constantes e rápidas transformações sociais, se torna um objeto de entendimento, compreensão e ações tanto individuais quanto empresariais, tendo em vista que a velocidade das mudanças está a frente da capacidade do indivíduo em adaptar-se. Por outro lado, o trabalho, que historicamente está ligado a evolução do homem individualmente e em sociedade, vem sendo exposto a fenômenos como a globalização e sofrendo transformações cada vez mais constantes e relevantes não só para os empregados, mas na relação bilateral existente entre esse e as empresas. Por isso, o presente estudo teve como objetivo analisar os reflexos da modernidade na função do trabalho. Para o alcance desse objetivo foi realizada uma revisão literária compreendendo o conceito de modernidade, relação da globalização com a modernidade, reflexos da modernidade na relação indivíduo-empresa, e como se posiciona a função do trabalho no contexto da modernidade. As principais obras utilizadas na análise foram dos autores Giddens (2015), Bauman (2001), Han (2017), Beck (2011), Gergen (1997), De la Garza (2000, 2009), Hirsch (1997, 1999) e Castillo (2000). Depois de apresentados os conceitos citados, a consolidação e análise dos reflexos identificados, dentre outras percepções, indicaram que a função do trabalho encontra-se numa fase de transição deixando pouco a pouco de ser uma “Relação de Identificação Social” para ser uma “Relação de Negócio” pautada pelo imediatismo, geração de renda e caráter descartável, o que De la Garza em outras palavras indica como a crise paradigmática do trabalho, ou o fim do trabalho.

Palavras-chave: Reflexos da Modernidade. Função do Trabalho. Globalização. Relação indivíduo e empresa.

Introdução

Nos dias atuais, cada vez mais tornou-se comum e frequente ouvir que alguém próximo mudou de emprego, perdeu seu emprego, está a procura de emprego, ou simplesmente está informalmente realizando ou buscando uma atividade para gerar renda. Tais fatos

não podem ser analisados isoladamente porque não se trata de avaliar apenas um aspecto econômico (emprego/desemprego), ou um aspecto técnico (capacitação), ou apenas um aspecto social mais amplo (decidir onde, quando e como trabalhar).

De uma forma interdisciplinar esses aspectos (econômico, técnico e social) se cruzam e convivem numa sociedade cunhada de uma roupagem moderna. Essa modernidade mostra-se sem forma e transitória (Bauman, 2001), além de composta de uma sequência ativa de descontinuidades (Giddens, 2015).

Nesse contexto, encontra-se o conceito de trabalho, que remonta a história do homem e evolui ao passo que um ente chamado mercado contribui para as transformações das empresas visando atender as novas necessidades do seu público-alvo, o que conseqüentemente leva ao ciclo de adaptação e transformação desse homem e das relações mantidas com essas empresas.

Sobre a concepção do trabalho, De la Garza (2000) conceitua:

A sociedade capitalista e em particular a economia neoclássica nos acostumou a entender por trabalho aquele assalariado. O uso restrito do conceito de trabalho como assalariado conduz a considerações como sua perda de importância na população economicamente ativa (PEA), ou ao menos a constatação da diminuição do emprego no setor industrial. (p.12).

Outra reflexão que apresenta uma distinta ótica a respeito do trabalho é apresentada pelo economista da Sorbonne Daniel Cohen, citado por Bauman (2001) “Quem começa uma carreira na Microsoft não tem a mínima ideia de onde ela terminará. Quem começava na Ford ou na Renault podia estar certo que terminaria no mesmo lugar” (p.135). Esse entendimento de Cohen se soma ao que Bauman denomina como sendo um dos aspectos da Modernidade Líquida, ou seja, a incerteza.

Logo, de um lado é destacado por De la Garza que o trabalho é muito mais que um “ato assalariado” e por outro lado, Cohen e Bauman indicam que as mudanças nos tipos de trabalho (ou empresas) acrescentam transitoriedade e incerteza na relação empregado-empresa.

A percepção sobre o significado ou posicionamento do trabalho, transitoriedade e incerteza, ambos podem ser entendidos como algumas conseqüências de reflexos da

modernidade, pois as mudanças e transformações científicas, tecnológicas, sociais ocorrem cada vez numa velocidade maior, tornando assim que a visão de curto prazo ou imediata se aplique em todas as relações e esferas sociais e econômicas, substituindo costumes, valores e relações antes remetidas ao longo prazo (Moura, 2021).

Nessa perspectiva, visando conhecer tais consequências e reflexos da modernidade em relação ao conceito e papel do trabalho, o presente artigo, a partir de uma abordagem conceitual, abordará as seguintes questões:

- Quais as principais características da modernidade?
- Como a globalização se relaciona com os aspectos da modernidade?
- Quais os principais reflexos da modernidade na relação indivíduo-empresa?
- Como a modernidade reflete na função do trabalho?

Diante disso, o objetivo do presente artigo será analisar os reflexos da modernidade na função do trabalho e na relação indivíduo-empresa. Para alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, compreendendo principalmente os autores Anthony Giddens, Zygmunt Bauman, Ulrich Beck, Kenneth J. Gergen, Byung-Chul Han, De la Garza, J. Hirsch, Juan José Castillo, além de outras julgadas necessárias para permitir a análise proposta sobre o tema.

Uma visão geral da Modernidade – aspectos conceituais

A modernidade é um amplo conceito que abrange diversas denominações ou subdivisões criadas para melhor compreendê-la. Alguns autores preferem transcender esse conceito e abordar um estado de pós-modernidade em função da revolução tecnológica (Gergen, 1997), ou modernidade líquida em razão da ausência de forma nas relações (Bauman, 2001), mas no campo da ciência, ainda pela inexistência de um consenso, há espaço para todas essas aplicações. Para fins do presente artigo, será adotada a concepção mais ampla e tradicional de modernidade, remetendo sua comparação com a pós-modernidade para pesquisas futuras.

Sobre a modernidade, na visão tradicional ou clássica, Giddens (2015) conceitua:

Como uma primeira aproximação, digamos que a noção de modernidade se refere aos modos de vida ou organização

social que surgiram na Europa por volta do século XVII em diante e cuja influência, posteriormente, se tem convertido mais ou menos mundiais. Isso associa a modernidade a um período de tempo e a uma inicial localização geográfica (...). (p.15).

E complementa Giddens (2015) “Captar a natureza das descontinuidades aqui envolvidas, é uma etapa preliminar necessária para analisar o que verdadeiramente é a modernidade, e também para diagnosticar quais são suas consequências para nós na atualidade” (p.17).

Nesse momento, Giddens aborda sua marca distintiva da modernidade em relação ao conceito dos demais autores e pesquisadores. Trata-se do conceito de *descontinuidade*. Esse evento ou fenômeno marca o estado moderno, num primeiro momento pela evolução e superação de paradigmas, e mais precisamente nas últimas décadas dada a velocidade cada vez maior das evoluções, sobreposições em todas as esferas que preenchem a sociedade e o conhecimento.

A respeito do que a modernidade representou para a sociedade Giddens (2015) ainda afirma:

As formas de vida introduzidas pela modernidade arrasaram de maneira sem precedentes todas as modalidades tradicionais da ordem social. Tanto em extensão como em intensidade, as transformações que foram provocadas pela modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de transformações características de períodos anteriores. (p.18).

Sobre a forma de reconhecer as descontinuidades que distinguem as instituições sociais modernas das tradicionais, Giddens (2015) indica três formas, conforme tabela 01 a seguir:

Tabela 1- Distinção das sociedades modernas em relação as tradicionais

Descontinuidades	Breve conceito
Ritmo das mudanças	Ocorrem continuamente e cada vez mais rápido
Âmbito das mudanças	Não mais local, mas continental e global
Natureza intrínseca das instituições modernas	Instituições surgidas com o advento da massificação industrial, além da criação das instituições políticas e outras que passaram a complementar a atuação do Estado

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de Giddens (2015)

Outros aspectos, todavia, ainda podem ser considerados na comparação entre a sociedade tradicional (até o século XVII na visão de Giddens) e a sociedade moderna, sendo um deles a adoção ou reprodução de algo apenas porque possui um rastro histórico, o que seria natural na sociedade tradicional, porém na sociedade moderna, o filtro para adoção ou continuidade de uma prática é a reflexão sobre ela. Sobre esse aspecto afirma Giddens (2015) “A reflexão da vida social moderna consiste que as práticas sociais são examinadas constantemente e reformadas a luz de nova informação sobre essas mesmas práticas, que dessa maneira alteram seu caráter constituinte” (p.46).

Importante se faz destacar, que na visão de Giddens, a descontinuidade da modernidade leva a reflexão a um estado não mais estático, mas contínuo de aplicação sobre as práticas sociais. A descontinuidade da modernidade indica que tomar decisões para o futuro analisando o passado não será tão eficaz como ter a capacidade de refletir de forma mais rápida e pontual sobre os breves lapsos de tempo do presente que logo passarão a compor esse passado. O autor também destaca que adotar medidas porque se trata de algo tradicional somente terá seu valor justificado se tais medidas forem submetidas a um ato reflexivo que as valide.

A modernidade, em razão de tamanhos avanços e cada vez mutações mais rápidas na ordem das instituições sociais, enquadra-se num movimento de alcance global, sendo sua mundialização mais um objeto de estudo das ciências sociais (Giddens, 2015).

E esse objeto não é de fácil dimensionamento, sendo sintetizado por Giddens em fontes dominantes que na sua visão podem definir e distinguir a Modernidade, conforme tabela 2 abaixo:

Tabela 2- Fontes dominantes da modernidade

Fontes Dominantes	Breve conceito
A separação entre tempo e espaço	Uniformidade do tempo e mobilidade das instituições e indivíduos
O desenvolvimento do mecanismo de ancoragem	Deslocamento das relações sociais locais para conexões globais
A apropriação reflexiva do conhecimento	O conhecimento se justifica e vira o ponto de partida para a próxima reflexão que o sobreporá e assim por diante. O conhecimento tradicional não permanece

	por si só, sem a devida justificação e reflexão.
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de Giddens (2015)

Tais fontes dominantes, na medida que tiveram considerável evolução ao longo dos séculos e em especial nas últimas décadas, remetem aos efeitos da globalização, um fenômeno tecnológico, social e cultural de relevante influência nas relações comerciais, sociais e que em grande escala contribui para a velocidade dos eventos, transformações, o que para alguns autores representa a ruptura da modernidade rumo a uma nova era, o que Giddens discorda, acreditando que o fenômeno das discontinuidades provoca as transformações e não o ingresso numa nova era. A respeito da globalização, o próximo tópico abordará a relação entre esse fenômeno e a modernidade.

A relação entre a globalização e modernidade

A respeito da finalidade da globalização, considerando um período compreendido desde a década de 1950, destacam-se três pontos de análise, conforme é demonstrado na tabela 3 abaixo.

Tabela 03 – Finalidades da Globalização

Eixos de análise das finalidades	Breve conceituação
Processo produtivo	Implantação de tecnologias e processos de trabalho para racionalização e maximização dos resultados produtivos e econômicos.
Socioeconômico	Deslocamento da distribuição social de renda em favor do capital ou do capitalismo.
Mercadológico	Flexibilidade para fluxo do capital internacional onde lhe seja mais viável.

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de Hirsch (1997)

Tais eixos de análise na visão de Hirsch são percebidos de outra forma por De la Garza, o que será abordado mais adiante no presente artigo. E ainda sobre a finalidade da globalização, num aspecto mais amplo, Hirsch (1997) afirma “O que podemos derivar da

globalização é, em todos os sentidos, a validade do capitalismo antigo, isto é, uma sociedade de classes é baseada na exploração do trabalho vivo” (p. 102).

Ainda abordando o conceito e finalidade da globalização e traçando sua relação com a modernidade, “o global está presente nas políticas gerais das empresas multinacionais e nas doutrinas de gestão de recursos humanos em geral. Mas esse global é adaptado pelas multinacionais e especialmente pelas empresas nacionais modernas às condições locais.” (De la Garza, 2000, p.25).

De la Garza e Hirsch conseguem conectar nessas afirmações um importante desafio da globalização no contexto da modernidade das últimas décadas, que é permitir uma atuação global, tendo que conciliar aspectos locais, onde destaca-se a política de recursos humanos como um elemento que está sujeito aos aspectos jurídicos e sociais de cada país e não obstante os aspectos econômicos de cada mercado local. Sobre tais aspectos da globalização, a tabela 04 apresenta as considerações de Hirsch (1997).

Tabela 04 - Aspectos da globalização

Aspectos	Breve conceituação
Técnico	Implantação de novas tecnologias e revoluções tecnológicas
Político	Finalização da guerra fria e perspectiva de que a ONU desempenhe uma atuação de governo global
Ideológico-cultural	Universalização de modelos de valor, vinculando-se fortemente com os meios de comunicação de massa.
Econômico	Internacionalização dos produtos e atuação predominante de empresas multinacionais Capital aplicado além das fronteiras territoriais e mão de obra local.

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de Hirsch (1997)

Esses primeiros conceitos de De la Garza e Hirsch indicam de forma clara que existe uma distância na conciliação de negócios que possuem atuação global, sendo que a força de trabalho é local.

Além disso a velocidade nas transformações locais para atender a repercussão de efeitos globais do mercado mostra-se como um desafio nesse contexto de competitividade empresarial, que conseqüentemente afeta em maior ou menor grau o conceito e papel do trabalho nas organizações.

Sobre esse entendimento, os quais alcançam os mais diversos reflexos da globalização, Hirsch (1999) define “Algo indica que o “Estado de segurança”, característico da fase fordista do capitalismo, levará a um novo tipo, que poderia ser chamado de “estado nacional competitivo” (p.76).

A rápida globalização do relacionamento de capital tem influência expressiva na relação capital e trabalho, assim como tempo e espaço, dentre outras relações transformadas pelo advento da modernidade, resultando uma era de constantes discontinuidades, imprevisibilidades, as quais produzem incerteza e insegurança ao indivíduo (trabalho) e uma necessidade de reinvenção mais rápida que outrora ao posicionamento das organizações (capital).

Por isso, em razão dos objetivos do presente artigo, no próximo item, será apresentado especificamente os reflexos da modernidade na relação indivíduo-empresa para que em seguida, sejam abordados os aspectos relativos a função do trabalho.

A relação indivíduo e empresa no contexto da modernidade

Depois de abordar os principais conceitos relativos a modernidade, globalização, e impactos preliminares na concepção do trabalho, o presente tópico pretende estabelecer um paralelo na relação entre o indivíduo e empresa no contexto da modernidade.

A modernidade, de uma forma geral, trouxe um estado de discontinuidade, fluidez, reflexividade e risco. (Giddens, 2015; Bauman, 2001; Beck 2011).

Na ótica individual, a modernidade ofereceu o sentimento de incerteza, transitoriedade, insegurança, estado de risco, saturação social, colonização do eu e multifrenia (Bauman, 2001; Castel, 2015; Beck, 2011; Gergen, 1997).

Na percepção dos reflexos nas empresas, a modernidade implicou na transição das relações de longo prazo para curto prazo, a separação entre capital e trabalho, ruptura

do modelo industrial, foco na maximização do rendimento e não mais na produção. (Bauman, 2001; Cohen, 2006; Han, 2017; Beck, 2011).

E abordando a relação do trabalho na vida individual, conceitua Bauman (2000):

O trabalho de cada homem assegurou seu sustento; mas o tipo de trabalho realizado definia o lugar ao qual ele podia aspirar (ou poderia reivindicar), tanto entre seus vizinhos como naquela totalidade imaginada chamada "sociedade". O trabalho foi o principal fator de localização social e avaliação individual. (p.34)

Bauman destaca a relação de identidade que prevalecia entre o homem e o trabalho, resultando conseqüentemente na sua identificação diante da sociedade. Nesse sentido, observando ainda uma ênfase no aspecto social, Bauman (2000) afirma “o trabalho ocupou uma posição central nos três níveis da sociedade moderna: o individual, o social e o referido para o sistema de produção de bens” (p.37).

A visão de Bauman indica o papel relevante do trabalho enquanto conector do individual, social e a sociedade de produtores, que com o advento das mudanças ocorridas nas últimas décadas em razão da modernidade, levando a sociedade dos produtores à sociedade de consumidores, em muitas circunstâncias essa conexão perdeu o sentido. E sobre as questões relevantes na relação indivíduo e empresa, Bauman (2001) destaca:

Quando a utilização do trabalho se torna de curto prazo e precária, tendo sido ele despido de perspectivas firmes (e muito menos garantidas) e portanto tornado episódico, quando virtualmente todas as regras relativas ao jogo das promoções e demissões foram esgotadas ou tendem a ser alteradas antes que o jogo termine, há pouca chance de que a lealdade e o compromisso mútuos brotem e se enraízem. (p.171)

Sobre essa relação entre indivíduo e empresa, a opinião de Bauman revela uma questão de extrema relevância, pois no contexto da modernidade, diante de todas as características já apresentadas, a *lealdade* e *compromisso* mútuos são afetados, o que representa um desafio para as organizações no sentido de reter por muito tempo o empregado (trabalho) e o mesmo desafio se aplica as chances de um empregado se manter na mesma empresa pela geração contínua e satisfatória de seus resultados (capital).

É possível observar que a modernidade é uma era em marcha contínua, sendo expansão de alcance global e não local (Giddens, 2015). A sociedade moderna convive conciliando, transformando as diversidades culturais, sociais, econômicas, tecnológicas numa constante produção de efeito transitório, complexo, inserindo o indivíduo numa realidade que rompe a tradição da segurança e inserindo as empresas numa realidade que possui a certeza da contínua mudança.

Assim, após breve abordagem, e considerando o objetivo do presente artigo, a tabela 5 abaixo consolida os principais reflexos da modernidade na relação indivíduo e empresa, traçando um paralelo comparativo com o período tradicional.

Tabela 5- Reflexos da Modernidade na relação indivíduo e empresa

Tradicional	Moderno
Indivíduo relacionava seu trabalho com sua identidade.	O individualismo, a saturação social, levam a perda de identidade, ou uma transitoriedade de identidade, não sendo sempre possível relacioná-la com o trabalho que exerce.
Predominava a segurança de uma relação de longo prazo tanto pela expectativa do indivíduo quanto pela empresa.	Lealdade e compromisso afetados pela instabilidade e incerteza da relação.
Gerenciamento de carreira se resumia a permanecer empregado na mesma empresa.	O indivíduo, mesmo sob a sombra do risco, descontinuidades e incerteza, se encontra em melhores condições e na necessidade de gerenciar sua própria carreira.
Empresas retinham os talentos com a experiência da força de trabalho, pois havia pouca rotatividade.	Dificuldade na retenção de talentos, ora porque o custo da mão de obra mais experiente se torna inviável para manter os custos competitivos, ora porque outra empresa no mercado oferece melhor remuneração.
Aprendizado na organização tipicamente industrial estava voltada para a especialização, e depois de alguns anos na	Há uma exigência mútua de aprendizado pelo indivíduo e também condições de fornecer a capacitação pelas empresas. Em relação ao perfil do indivíduo e a

empresa, pouco se acrescentava na capacitação até a aposentadoria.	necessidade da empresa, a especialização deu lugar a flexibilidade e capacidade de aprendizado.
Desemprego estava relacionado como o desligamento de uma organização e uma situação de não geração de renda. Provocava um reflexo de exclusão social.	Precarização das condições que regem a relação de trabalho permite transformar o desemprego numa classe do subemprego. O subemprego evita a exclusão social e integra o indivíduo no ciclo econômico.

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de Bauman, 2001; Castel, 2015; Cohen, 2006; Beck, 2011; Gergen, 1997; Giddens, 2015; Han, 2017.

Embora as características apresentadas projetem em muitas situações um panorama pessimista da modernidade, como se demonstrou na tabela acima e no presente artigo, é necessário observar as oportunidades que surgem na relação indivíduo e empresa, onde a título de exemplo, destacaram-se três nos parágrafos a seguir.

Ao separar capital e trabalho, se tem de um lado o rompimento de uma relação tradicional e duradoura, passando ao quadro do indivíduo tomar a iniciativa em mudar de emprego se outra empresa (ou oportunidade autônoma de negócio) lhe oferecer condições melhores.

O imediatismo das relações, se demonstra de um lado a ausência de planos rumo ao horizonte, pode por outro lado resultar em reconhecimentos financeiros e profissionais no curto prazo, o que outrora ocorria no longo prazo quando o empregado se aposentava, quando ocorria.

A transformação do desemprego em subemprego, reflete o resultado da flexibilização e precarização do trabalho e a relação indivíduo-empresa. Flexibilização, porque o processo produtivo não está mais fechado e inacessível num ambiente fabril, exigindo e permitindo que o indivíduo possua flexibilidade e conhecimento para atuação diversificada. Precarização, porque os subempregos apresentam eficácia no atendimento as demandas empresariais (economia), e por outro lado proporcionam a geração de renda ao indivíduo que ocupa o posto de desempregado, abrindo mão de direitos e sem representação sindical definida na maior parte dos casos, além de aderir a informalidade para garantir o mínimo suficiente a sua sobrevivência.

Até o presente momento foi abordado no presente artigo os conceitos gerais da modernidade, sendo em seguida abordada a relação da globalização com esse fenômeno, destacando relações preliminares com a concepção de trabalho. Em seguida, no presente tópico, foi abordada a relação indivíduo e empresa no contexto da modernidade, destacando-se como se observa na tabela 5 acima que sobre a ótica do indivíduo “compromisso e lealdade” foram os pontos sujeitos a mais influência em razão dos reflexos da modernidade, que por sua vez influenciou as políticas de gestão de recursos humanos nas empresas, adequando de forma contínua seus ‘recursos de trabalho’ as suas necessidades de ‘capital’.

No próximo item, o tema ‘função do trabalho’ será enfatizado segundo a concepção de De la Garza, para em seguida ocorrer no tópico seguinte uma avaliação de tendências na concepção de trabalho tendo em vista os reflexos da modernidade.

A função do trabalho no contexto da modernidade

Como citado na introdução do presente artigo, o trabalho remonta à própria história do homem. Inicialmente esteve separado dentro de um conceito de produção voltada ao autossustento e ao longo dos séculos da idade média ganhou expressiva relação com a escravidão representando a submissão a uma classe dominante. Após a Reforma Protestante (Século XVI), a ética protestante relacionou o trabalho como consecução do exercício de um dom dado por Deus, ocorrendo uma espécie de divinização do trabalho, enfatizando que sua função principal era o acúmulo de riqueza para a realização de um desígnio religioso.

Essa forma de trabalho quase sempre se mostrou artesanal, e após a Revolução Industrial, a inserção do homem no processo fabril manteve a ética protestante, porém a produção de riqueza deu lugar a relação de trabalho, sendo essa primeira a consequência de uma vida pautada em austeridade. A sociedade dos produtores legitimou na modernidade o conceito de trabalho como identidade social, enquanto a sociedade de consumidores transformou o trabalho num meio de satisfação das necessidades. A respeito da definição de trabalho De la Garza (2000) define que:

Em seu aspecto mais básico, o trabalho pode ser entendido como a transformação de um objeto de trabalho como resultado da atividade humana. Essa atividade não é isolada, mas sim implica certa interação com outros homens; como resultado dela o homem mesmo se transforma. Ademais, o trabalho implica certo nível de consciência, das metas, em relação aos resultados e a maneira de alcançá-los. (p.13)

A definição de De la Garza indica que o trabalho está vinculado a um processo de interação e transformação, a partir da atividade humana. Se for considerada uma abordagem tipicamente industrial, esse conceito possui aderência, porém ao se avaliar esse conceito nas condições atuais oferecidas pela modernidade, como o que foi demonstrado na tabela 5 anteriormente, observa-se que o coletivo tenha se transformado em individual (redução da interação) e a transformação tenha sofrido relevantes mudanças uma vez que a produção vem se tornando cada vez mais automatizada e o foco tem sido crescentemente disputar os consumidores no mercado competitivo. Sobre essa evolução, as etapas são apresentadas na tabela 6 abaixo.

Tabela 6- Linha evolutiva do trabalho e trabalhador

Etapas	Posicionamento do trabalhador em relação ao trabalho
Ofício capitalista	Predominava a dependência em relação ao trabalhador e não a máquina
Maquinizado (Taylor, Ford)	Produção depende do êxito na relação homem e máquina
Toyotizado	Maximização da produção e resultados depende da melhoria contínua do processo que envolve a relação homem e máquina
Processos informatizados	Dados, informações em tempo real, em rede. Homem assume um papel próximo do gerenciamento do funcionamento das máquinas.

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de De la Garza (2009, p.72)

Entre as etapas “Toyotizado” e “Informatizado”, o consumidor se torna um terceiro ator ativo entre empregado e patrão, e a forma de consumir provoca complexidade no problema das relações sociais e controle do processo de produção. (De la Garza, 2009).

Realizando de certa forma uma conexão com os aspectos abordados sobre a modernidade, globalização, e relação indivíduo-empresa, surge então na visão de De la Garza o conceito de trabalho ‘clássico’ e ‘não clássico’, cuja tabela 7 a seguir descreve brevemente as definições.

Tabela 7- Categorias de trabalho segundo De la Garza

Categorias de trabalho	Breve conceito
Clássico	Predomina a execução dos trabalhos em ambientes distintos para execução das atividades laborais e sem conexão entre eles, por exemplo (i) Ambiente Fabril; (ii) Venda; (iii) Consumo. Também predomina a ‘materialidade’ da produção.
Não Clássico	Em relação as atividades laborais, não há a separação entre produção, venda e consumo, constituindo o que De la Garza denomina ‘Comunidade Simbólica do Trabalho’. Não há uma uniformidade no processo produtivo, por exemplo, o desenvolvimento de um software, o qual é especificado conforme a negociação com o cliente, assemelhando-se ao processo semiartesanal de outrora. Assim, o imaterial ou subjetivo é incorporado ao produto, de forma indissociável.

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptação de De la Garza (2009)

A respeito da ‘comunidade simbólica do trabalho’, essa ocorre em virtude da interação imediata, regular, contínua entre os sujeitos, não mais de forma presencial, mas conectados em diferentes localidades. Sobre o aspecto subjetivo citado na tabela acima, o mesmo compreende conhecimento, valores, sentimento, estética, formas de racionalidade, as quais são incorporados ao produto. Em relação ao trabalho não clássico, o consumidor se torna um terceiro ator ativo entre empregado e patrão, e a forma de consumir provoca complexidade no problema das relações sociais e controle do processo de produção (De la Garza, 2009).

Assim, sobre as formas de produção, define De la Garza (2009) “Todas essas possibilidades de produção e de trabalho, material-imaterial, simbólico objetivado ou subjetivado, abrem a necessidade de repensar conceitos clássicos da sociologia do trabalho para analisar e entender processos de trabalho” (p.85).

Numa comparação entre as categorias de trabalho, De la Garza (2009) afirma ainda:

Os trabalhos não clássicos, diferentes da evolução das manufaturas, podem implicar na incursão do cliente no processo de trabalho e com ele a necessidade de ampliar os conceitos de produção, de controle, de relação laboral e de construção social da ocupação, pelo menos de considerar um ator a mais que não é o patrão nem o trabalhador. (p.94)

Em outras palavras a disseminação da categoria de trabalho não clássico, com a imaterialidade e subjetividade do processo, além de tal processo considerar um agente não produtivo, mas decisório que é o cliente, resultam conjuntamente na transformação da função do trabalho, podendo se interpretar que a função tradicional ou o papel esteja condenada ao fim, ou uma grande transformação sem precedentes. Na visão de De la Garza (2000) tais transformações podem refletir o fim do paradigma do trabalho, onde o autor afirma

O trabalho não só foi substituído na produção industrial e foi projetado um tipo de trabalhador que não era típico da sociedade industrial, mas que suas organizações foram derrotadas, seus projetos declarados obsoletos ou promotores da crise econômica; com isso, o trabalho perdeu em salário e emprego, mas principalmente na consideração diante da sociedade. (De La Garza, 2000, p.26)

Corroborando com os conceitos abordados nos tópicos anteriores ao falar da modernidade, efeitos da globalização e relação indivíduo-empresa, De la Garza destaca que todos esses fatores levaram a crise paradigmática do trabalho. Seja pela alteração na forma do processo produtivo, seja pela alteração na função do trabalhador, seja pela nova percepção do papel do trabalho diante da sociedade, os termos ‘salário’, ‘emprego’, e ‘identificação social’ se transformaram numa concepção moderna em respectivamente ‘renda’, ‘atividade econômica’, e ‘sociedade de anônimos, individualizada’.

É nesse sentido de refletir sobre as transformações que afirma De la Garza (2000):

É aí que novas tecnologias, formas de organização do trabalho, relações de trabalho e culturas são vivenciadas. Mas, considerando um novo espaço em suas formas, cheio de incertezas e possibilidades de uma nova "negociação de ordem" pelos trabalhadores e suas organizações. (p.30)

Sobre esse novo espaço, a introdução de novas tecnologias provoca uma mudança na organização industrial, que por sua vez leva a fragmentação do processo produtivo. (Castillo, 2000).

Esse contexto instaura uma nova organização produtiva, que segundo Castillo (2000) “Em suma. Eles introduzem mais confiança no mercado. E mais mercado na organização interna da empresa”. (p.57).

Essa nova organização envolve um complexo conjunto organizacional o qual abrange a inserção de subcontratados, fragmentação do processo produtivo, processos em rede, desenvolvimento das tecnologias de comunicação, busca por produzir just in time, e alterações nas relações de trabalho com os empregados. (Castillo, 2000).

Ao final do presente tópico, cuja finalidade foi de abordar a função do trabalho no contexto da modernidade, foi possível observar que a transição do trabalho clássico ao não clássico, instaurando a crise paradigmática do trabalho, trouxe o que foi denominado de ‘nova organização produtiva’, influenciada pelo surgimento de um novo posicionamento do conceito de “salário, emprego e identificação social”, dando lugar a “renda, atividade econômica, e ausência de identificação ou sociedade de anônimos, individualizados”.

No próximo tópico, os conceitos até então apresentados serão analisados de forma conjunta com a finalidade de identificar e consolidar os reflexos da modernidade na função do trabalho e na relação indivíduo-empresa.

Reflexos da modernidade na função do trabalho

Na tabela 8 abaixo, segue a consolidação dos principais conceitos abordados no presente artigo que identificam os reflexos da modernidade na função do trabalho.

Tabela 8- Visão geral dos reflexos da modernidade na função do trabalho

Eixos de Avaliação	Principais Reflexos
A modernidade	Descontinuidade, transitoriedade dos processos e relações; Transição da sociedade de produtores à sociedade de consumidores;
A globalização	Evolução tecnológica; Negócios e atuação das empresas em âmbito continental e global, porém com trabalhadores, leis, culturas locais.
A relação indivíduo-empresa	Relações de longo prazo dão lugar a resultados de curto prazo. Lealdade e Compromisso afetados pela incerteza e transitoriedade das relações de trabalho. A transformação de desemprego em subemprego como adequação as necessidades das empresas (custo) e trabalhadores (renda).
A função de trabalho	Transição do trabalho clássico ao não clássico; Crise paradigmática do trabalho afetando os conceitos de “salário”, “emprego” e “identificação social”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O conjunto dos reflexos indicados acima permite alcançar o entendimento de que a função do trabalho se encontra em transição passando de um ato social (visão tradicional, clássica) para um ato econômico (visão moderna, não clássica), o que é ilustrado na figura 1 abaixo.

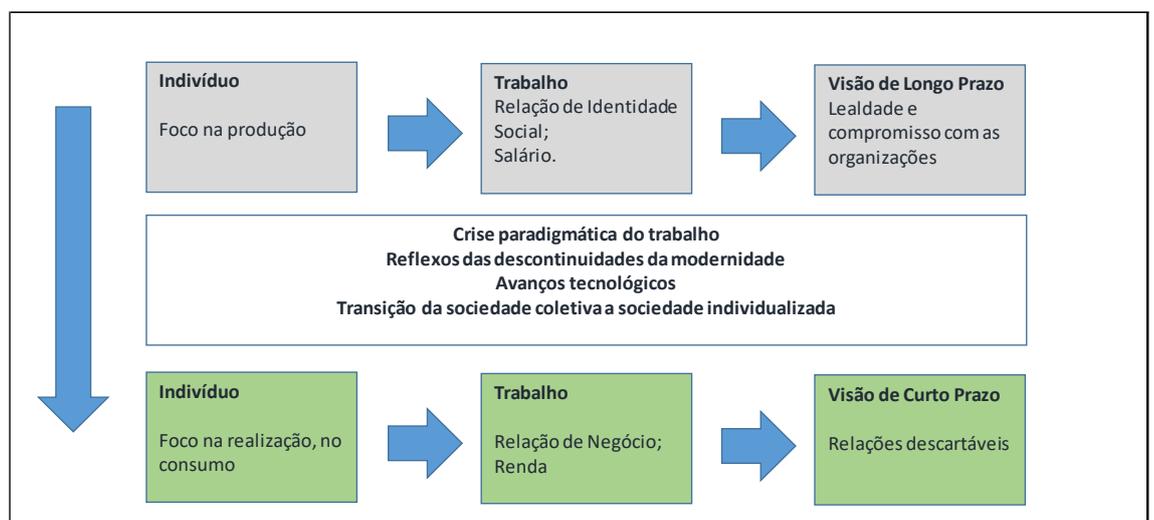


Figura 1 – Elaborada pelo autor

Assim, em se tratando da função do trabalho, o que antes se tratava de uma “Relação de Identidade Social”, com os reflexos da modernidade, se tornou uma “Relação de Negócios”, com o objetivo único de garantir a renda para ambas as partes, ou seja, a combinação entre o menor custo para quem contrata e a melhor condição para quem busca a relação de trabalho.

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar os reflexos da modernidade na função do trabalho e na relação indivíduo-empresa. Para tanto, foi realizado um breve levantamento teórico apresentando os conceitos de modernidade, a relação entre a globalização e modernidade, a relação indivíduo-empresa no contexto da modernidade, e a função do trabalho no contexto da modernidade. Depois da abordagem citada, consolidaram-se os reflexos da modernidade na função do trabalho, onde foram indicadas algumas percepções a respeito.

Os principais resultados dessa avaliação identificaram que: (i) na modernidade destacaram-se como principais reflexos a descontinuidade e transitoriedade dos processos e relações; transição da sociedade de produtores à sociedade de consumidores; (ii) na globalização destacaram-se a evolução tecnológica; negócios e atuação das empresas em âmbito continental e global, porém com trabalhadores, leis, e culturas locais; (iii) na relação indivíduo-empresa, destacaram-se ocasiões onde relações de longo prazo dão lugar a resultados de curto prazo; lealdade e compromisso afetados pela incerteza e transitoriedade das relações de trabalho; A transformação de desemprego em subemprego como adequação as necessidades das empresas (custo) e trabalhadores (renda); (iv) na função do trabalho destacaram-se a transição do trabalho clássico ao não clássico; a crise paradigmática do trabalho afetando os conceitos de “salário”, “emprego” e “identificação social”.

De posse de tais reflexos, a principal percepção, como demonstrado na figura 1, foi de que a função do trabalho se encontra numa fase de transição de “Relação de

Identificação Social” para uma “Relação de Negócios”, ocasionando o vínculo que representava o salário para uma relação imediata e descartável para geração de renda.

Dessa forma, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, abrindo caminho para o aprofundamento das questões que poderão envolver, a título de sugestão, (i) conhecer a percepção dos trabalhadores de categorias clássicas e não clássicas sobre os reflexos da modernidade identificados no presente artigo; (ii) identificar as possíveis tendências desses reflexos num horizonte de tempo definido tanto para os trabalhadores quanto para os empresários; e (iii) verificar se há alguma relação entre os reflexos da modernidade na função do trabalho e o alcance da realização pessoal e profissional.

Referências

Bauman, Z. (2000). *Trabajo, consumismo y nuevos pobres*. Barcelona: Gedisa Editorial.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Beck, U. (2011). *Sociedade do risco: rumo a outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.

Castel, R. (2015). *La inseguridad social: que es estar protegido?*. Buenos Aires: Manantial.

Cohen, D. (2006). *Tres lecciones sobre la sociedad postindustrial*. Buenos Aires: Katz Editores.

De la Garza Toledo, E. (2001). *Problemas clásicos y actuales de la crisis del trabajo*. Enrique de la Garza Toledo y Julio Cesar Neffa (comp.) El trabajo del futuro. Buenos Aires: CLACSO.

De La Garza Toledo, E. (2009). *El trabajo no clásico y la ampliación de los conceptos de producción, control, relación laboral y mercado de trabajo*. Sociología del trabajo, 67, 71-96.

Gergen, K. J. (1997). *El yo saturado: dilemas de identidad en un mundo contemporáneo*. Barcelona: Paidós.

Giddens, A. (2015). *Consecuencias de la modernidad*. Madrid: Alianza Editorial.

Han, B-C. (2017). *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder Editorial.

Hirsch, J. (1999). Globalización del capital y la transformación de los sistemas de Estado: del «Estado de seguridad» al «Estado nacional competitivo». *Revista Cuadernos del Sur*, Buenos Aires.

Hirsch, J. (1997). ¿ Qué es la globalización?. *Realidad Económica*, 147, 7-17.

Moura, F. D. S. (2021). Análise sobre os reflexos da modernidade na função do trabalho: uma abordagem conceitual. Resumo aprovado para apresentação pôster e publicado in Anais do XXI Congresso de Stress da International Stress Management Association - ISMA-Brasil e XXIII Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. Porto Alegre-RS, Brasil: ISMA-Brasil.